

Investigadora cria novo índice para avaliar desigualdade de género

ESTUDOS SOCIAIS Uma investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra criou um novo índice para avaliar a desigualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho, que procura olhar para a problemática a partir de uma perspectiva global.

Carina Jordão iniciou a sua tese de doutoramento sem o objectivo definido de criar um novo índice para avaliar a desigualdade de género, mas a constatação da inadequabilidade dos indicadores existentes levou a investigadora a criar um novo que, ao contrário dos outros, pretende analisar a desigualdade no mercado de tra-

balho enquanto «fenómeno holístico», disse a investigadora.

Durante o trabalho, constatou que os indicadores que têm vindo a ser desenhados, ao serem arquitectados «para aferir a desigualdade entre mulheres e homens nas suas múltiplas dimensões, acabam geralmente por não tratar com a profundidade desejada as questões laborais», notando-se que cada índice responde a diferentes posicionamentos e adopta diferentes indicadores simples como representativos da desigualdade no mercado de trabalho.

Para além disso, são usados diferentes indicadores relacionados com a desigualdade, aos

quais são atribuídas diferentes ponderações, medindo de formas diferentes «diversas parcelas de um mesmo fenómeno», notou a investigadora.

Deste modo, Carina Jordão criou o ICIL - Indicador Composto de Igualdade Laboral, que permite «medir de forma holística o nível de igualdade relativa» nos 28 países da União Europeia, combinando, simultaneamente, diferentes indicadores simples: participação no mercado de trabalho, presença em cargos de chefia e liderança, salários e condições laborais.

Para além da utilização de diferentes indicadores simples no mesmo índice, o ICIL foi criado «através de um método alter-

nativo para a construção de indicadores compostos», em que em vez de avaliar os países com a mesma estrutura de pesos e dar uma determinada ponderação a cada indicador, acaba por estabelecer um modelo otimista que «põe cada país na sua melhor luz possível», reduzindo «significativamente a interferência dos promotores do índice».

Posterior à criação do ICIL, a investigadora aplicou-o ao período de 2008 a 2013, em que a Letónia, a Eslovénia e a Finlândia obtiveram os melhores resultados (a Letónia está no primeiro lugar do ranking entre 2010 e 2013), e em que Portugal varia entre o 18.º lugar e o 16.º. ◀